

## A NOVA MULHER EM KOLLONTAI E A SUPERACÃO DO CAPITALISMO

Renata Couto Moreira, Annabelle Bonnet, Maisa Maria Baptista Prates do Amaral

Resumo: O questionamento contemporâneo em torno das relações entre exploração social e opressão de gênero, produção capitalista e reprodução social, luta particular e luta de classes, marxismo e feminismo, encontra as bases e diretrizes que o norteiam até hoje nessa longa tradição inaugurada no século XIX. Na procura desse resgate e dessa memória coletiva trazemos à tona uma reflexão a partir dos textos de uma das suas mais importantes formuladoras para os leitores do século XXI, 150 anos após a data do seu nascimento, a militante e pensadora, Alexandra Kollontai. Buscamos assim, neste artigo tendo como fio condutor a concepção da "nova mulher", compreender esta construção de Kollontai do que é esta nova concepção do ser mulher e quais as condições de sua realização. O pano de fundo desse artigo é composto por uma série de debates que se seguiram no bojo do movimento dos processos revolucionários na Rússia e tiveram como centro a mulher trabalhadora, o feminismo no campo da luta socialista para a emancipação humana, a construção de novas formas de sociabilidade e de novas formas de sexualidade e afeto.

Palavras-chave: marxismo e feminismo, gênero e capitalismo, produção e reprodução social.

*Abstract: Contemporary questioning around the relationship between social exploitation and gender oppression, capitalist production and social reproduction, private struggle and class struggle, Marxism and feminism, finds the bases and guidelines that guide it to this day in this long tradition inaugurated in the 19th century. In search of this rescue and this collective memory, we bring to light a reflection based on the texts of one of its most important formulators for the readers of the 21st century, 150 years after the date of her birth, the activist and thinker, Alexandra Kollontai. Thus, in this article we seek, having as a guiding principle the conception of the "new woman", understand Kollontai's construction of what this new conception of being a woman is and what are the conditions for its realization. The background of this article is composed of a series of debates that followed in the wake of the revolutionary processes movement in Russia and focused on working women, feminism in the field of the socialist struggle for human emancipation, the construction of new forms of sociability and new forms of sexuality and affection.*

*Keywords: Marxism and feminism, gender and capitalism, social production and reproduction*

## Em memória da tradição feminista revolucionária

A Rússia no início do século XX foi um terreno fértil para grandes mudanças sociais, que, bem além de suas fronteiras e até os dias de hoje, abriu e deixou ensinamentos universais e questões essenciais para pensar a luta política e a emancipação das mulheres. A Revolução de outubro de 1917 foi o ápice de uma série de levantes das trabalhadoras e trabalhadores contra o regime czarista, para a realização de uma das primeiras experiências socialistas no mundo, e o “primeiro experimento com o amor livre e a emancipação da mulher” (GOLDMAN, 2014). Durante esse período, as mulheres tiveram papel fundamental. Nos seus primeiros anos, a Revolução conquistou direitos inéditos para as mulheres: a igualdade, por lei, de todas as relações homem/mulher; o início de estudos para avaliar a quantidade de trabalho de cada sexo no âmbito doméstico, com finalidade de planejar a socialização do trabalho doméstico. O fim da obediência ao marido e a substituição do casamento religioso pelo casamento civil, estabelecimento do divórcio a pedido de qualquer cônjuge, a separação do conceito de casamento do conceito de família. O projeto era de Transferência do cuidado da família para o Estado, até o desaparecimento do trabalho doméstico: criação de creches, restaurantes coletivos, lavanderias públicas.

O assim chamado “feminismo russo”, que teve suas primeiras incursoras ainda no século XIX, era composto (assim como continua o sendo atualmente) por uma pluralidade de tendências e vertentes diversas, em certos casos incompatíveis entre elas, quando defendiam concepções e projetos de sociedade opostos. A luta pelo sufrágio, por exemplo, – vertente da história dos feminismos a mais visibilizada e conhecida até hoje no mundo ocidental – era a pauta em torno do qual e por muito tempo girou principalmente a luta feminista da época que havia aderido a uma concepção burguesa da sociedade, na qual a ordem vigente da exploração de seres humanos por outros seres humanos não era colocada em questão. Nela, a representatividade na esfera da política burguesa era considerada como o único caminho possível de libertação. Em oposição, uma concepção feminista proposta pelo movimento socialista e suas trabalhadoras estava sendo formulada em torno da necessidade de pensar a emancipação das mulheres de mão dada com combate anticapitalista, questionando a organização econômica, social e política desse modo de vida (RUTHCHILD, 2010). As experiências da revolução de 1848 e da Comuna de Paris para as mulheres já haviam de fato mostrado que, se a questão do sufrágio feminino tinha sua importância (e não deixaria de ser discutida pelo movimento socialista, por Marx e Engels e até sua concretização em vários países ao longo do século XX), agregar as mulheres ao sistema político liberal acriticamente certamente estava longe de resolver o caminho para sua emancipação. A discussão em torno da questão sufragista precisava ser pensada à luz de um projeto alternativo de sociedade (THOMAS, 2019).

Alexandra Kollontai, mulher fruto de seu tempo e artífice dele, se inscreve diretamente na

formulação dessa tradição de luta do feminismo revolucionário, ainda muitas vezes invisibilizada e desconhecida. No entanto, o questionamento contemporâneo em torno das relações entre exploração social e opressão de gênero, produção capitalista e reprodução social, luta particular e luta de classes, marxismo e feminismo, encontra as bases e diretrizes que o norteiam até hoje nessa longa tradição inaugurada no século XIX. E na procura desse resgate e dessa memória coletiva trazemos à tona uma reflexão a partir dos textos de uma das suas mais importantes formuladoras para os leitores do século XXI, 150 anos após a data do seu nascimento. Como militante e pensadora, Alexandra Kollontai vivenciou de fato toda a efervescência que foi a Rússia no início do século XX, tendo sido uma participante ativa na história da luta revolucionária e da construção do feminismo classista. Assim como muitas outras mulheres russas, trabalhou na construção da Revolução russa por anos, bem como para a realização da transição socialista. Se destacou, dentre outras revolucionárias ativas da época (para citar só algumas: Nadejda Krupskaja, Clara Zetkin, Inessa Armand), por ser uma militante ativa em prol da práxis-reflexiva em torno da construção do que ela formulou como a necessidade de construir uma “nova mulher”.

Buscamos neste artigo tendo como fio condutor "a nova mulher", compreender esta construção do que é esta nova concepção do ser mulher e quais as condições de sua realização. Para tanto, resgatamos a inserção do pensamento de Kollontai na história das lutas revolucionárias no contexto russo, mais particularmente da primeira revolução proletária sucedida, como herdeira da tradição marxista e, ao mesmo tempo, inovadora em sua crítica à condição feminina. O que nos leva à sua crítica contundente ao feminismo liberal dominante no contexto russo e europeu à época. Assim como, à formulação de um feminismo no campo da luta socialista para a emancipação humana. Aprofundamos as ideias da autora sobre a necessária destruição da família mononuclear burguesa, ao tratamento da questão da maternidade, como dimensões integrantes de um mesmo fenômeno social, uma mesma forma adequada ao desenvolvimento da sociedade capitalista. E por fim, resgatamos em diálogo com Kollontai a atualidade do seu pensamento sobre a importância revolucionária de uma nova forma de relações sociais, partindo para novas formas de amor e relações afetivas: o que a autora designou como o “amor camaradagem”.

Por ora, cabe destacar, antes de entrar em mais detalhes, que todos os textos da mão de Kollontai apresentados neste artigo, para serem considerados a seu justo valor, devem ser enxergados como textos de intervenção, de natureza teórico-prática. A maioria foi escrita para responder a situações vivenciadas pelos militantes e contribuir para sua formação, no contexto de luta. O pano de fundo desse artigo é composto por uma série de debates que se seguiram no bojo do movimento dos processos revolucionários na Rússia e tiveram como centro a mulher trabalhadora, o feminismo no campo da luta socialista para a emancipação humana, a construção de novas formas de sociabilidade e de novas formas de sexualidade e afeto.

## O caminho da emancipação de Alexandra Kollontai

O percurso de Kollontai pela emancipação começa ainda no fim do século XIX, quando, de família abastada e esclarecida, ainda sob o nome de “Domoontovitch”, vivencia dois eventos que despertam sua consciência crítica: o casamento forçado de sua irmã mais velha com um senhor de idade avançada, situação que a repugna, e a convivência com sua preceptora, militante do movimento socialista, que a leva a se interessar pelas organizações socialistas existentes (KOLLONTAI, 1926). Alexandra Domoontovitch decide, como mal menor, se casar com um dos seus primos de origem mais modesta, que sabe mais compreensivo e que a deixa ter sua própria autonomia. Dá luz a um filho e rapidamente experimenta as dificuldades de conciliar seu papel de esposa e mãe tradicional, e de mulher engajada, e a complexidade das relações de afeto familiares burguesas.

Em 1896, efetua sua primeira visita a uma fábrica, onde ajuda a construir uma greve. Em 1898, ano que é criada a Segunda Internacional, decide partir para Zurich, estudar a economia marxista (MARX, 2011). É lá que tem seu primeiro contato com a literatura de Marx e Engels (MARX; ENGELS, 1998), e seu primeiro contato com Lenin. No mesmo ano, em setembro, publica seu primeiro artigo, escolhendo o tema da educação. Em 1899, de volta da Suíça, começa suas atividades políticas dentro do partido social democrata da Rússia, quando entra em contato com revolucionários emigrados e passa a compor os círculos clandestinos do Partido Social Democrata. Em 1903, fala no seu primeiro encontro. Em 1905, se destaca como oradora popular, fazendo a brilhante defesa das demandas das mulheres no programa do partido (Martinez, 2018). No mesmo ano, participa da primeira tentativa de revolução russa que culminou no que ficou marcado como o “domingo sangrento”.

Em 1908, Kollontai é detida por suas atividades políticas, e rapidamente forçada a deixar o país. Se essa data marca seu exílio, que só terminará em 1917 com a Revolução Russa, está longe de ser sinônimo do fim da sua atividade política. Pelo contrário, Kollontai se torna cada vez mais ativa e é exatamente nesse período que ela passa a formular sua teoria da emancipação feminina em torno da construção do que ela chama de “a nova mulher”. É por essa razão que o primeiro texto deste resgate, “*Os fundamentos sociais da questão feminina*” escrito em 1907, alguns meses antes do exílio, abre esse ciclo de críticas e reflexões sobre a condição social da mulher, que só viria a terminar em 1927, data do último texto público de Kollontai sobre esse assunto. Como o veremos, 1907 corresponde também a um passo importante na formulação do feminismo revolucionário que organize as mulheres em torno de uma perspectiva de libertação total. Com essa expressão, Kollontai nos convida, antes de tudo, a ousar conceber um novo horizonte que seja desprovido de exploração e de opressão para as mulheres. A vida das mulheres era de fato caracterizada, antes da revolução, pela

sua ausência de independência econômica: no campo, elas dependiam dos laços patriarcais para se manter; na cidade, elas dependiam do salário do marido. Sua vasta obra se insere nesse contexto de procura por um novo modelo social que daria nascimento a essa “nova mulher”.

Cabe destacar, para um pleno entendimento da expressão, que não se trata para Kollontai de uma nova tipologia de mulher dada *a priori*, nem de um imaginário concebido através de meras reflexões subjetivas. A expressão “nova mulher” remete, para a revolucionária, a uma prática, isto é, a luta política revolucionária. E somente a partir de mudanças materiais radicais que serão elaborados direitos inéditos para elas, a criação de novos afetos e de uma nova cultura em torno das relações de gênero.

Como de fato pensar a igualdade de gênero sem interrogar a predominância do sentimento de propriedade e de frustração aos quais são submetidos todos os trabalhadores sob o regime capitalista? Como conceber os direitos reprodutivos sem colocar em questão a organização social em torno da exploração de seres humanos por outros? Como construir uma infância sem problematizar o modelo da família mononuclear? Como acabar com a violência sexual e sexista sem discutir a cultura de coisificação a qual essa forma social submete todos os indivíduos? Como, ainda, lidar com os casos de sexismo dentro de uma organização socialista no âmbito do capitalismo, sem considerar que todos seus membros constroem sua subjetividade nessas relações sociais reificadas?

Kollontai retoma as contradições identificadas pela tradição marxista da emancipação feminina, que podiam se encontrar no trabalho de Engels (ENGELS, 2012), nos textos de Eleonor Marx (MARX, 2021), também de Zetkin e Lenin (ALVAREZ GONZALEZ, 2010), cuja influência será importante. As potencialidades do trabalho assalariado que é ao mesmo tempo alienado e que, por essas mesmas razões, ao destruir os laços tradicionais patriarcais, é suscetível - a condição que esteja acompanhado de forma estreita por uma prática revolucionária sistemática - de impulsionar a criação de um novo indivíduo mulher; a união livre; o fim da propriedade privada dos meios de produção, a socialização do trabalho doméstico, o definhamento da família.

Ao longo da sua trajetória enquanto militante ativa na construção de uma nova sociedade, fica claro que para Kollontai a construção da nova mulher só seria possível em uma sociedade sem classes e isso fica explícito desde os seus primeiros textos. O texto que trazemos como importante ponto de partida para nossas reflexões “*Os fundamentos da questão social feminina*”, foi produzido em claro diálogo entre as mulheres trabalhadoras e as feministas burguesas. Nesse texto discute alguns dos debates da época sobre feminismo e a questão da mulher. Para Kollontai, a transformação da psicologia humana tem relação dialética com a luta pela organização das relações econômicas e sociais, embasada na compreensão de que o pessoal é político. A emancipação da mulher, portanto, situa-se necessariamente no questionamento das bases fundantes da própria sociedade de classes. Desta forma, trazia como central para a questão do feminismo e da nova mulher, a mulher

trabalhadora e a importância de situar a luta pela construção da nova mulher a partir da luta de classes, o que vai permear toda sua reflexão teórica e atuação política desde então.

No entanto, no calor da disputa polêmica com as sufragistas burguesas é forçada ao exílio, a uma emigração política logo antes da publicação dos Fundamentos (KOLLONTAI, 1907), mas ao mesmo tempo aceita como um desafio do partido para construir um movimento de mulheres viável na Rússia. Ainda em 1907 é fundado o primeiro clube das Mulheres Trabalhadoras e no mesmo ano Kollontai participa como delegada russa da primeira conferência internacional das mulheres socialistas em Stuttgart sob a presidência de Clara Zetkin, considerada por Martinez como “*enorme contribuição ao desenvolvimento do movimento de mulheres trabalhadoras em termos marxistas*” (Martinez, 2018, p. 41-42). À época, discutia-se a autonomização do movimento feminista e Kollontai defende a proposição contrária a essa concepção. (GHODSEE, 2019). Como desdobramento desta posição, logo depois ocorre uma expansão drástica da mobilização das feministas socialistas por toda a Europa. Somente na Alemanha, que contava com a participação de 10.000 feministas socialistas em 1907, passou a contar com mais de 82.000 camaradas em 1910, um aumento de 720%! Apesar deste sucesso, persistia o desafio de superar “*muita resistência passiva, pouca compreensão, menor interesse*” por parte do partido a estas questões (MARTINEZ, 2018, p. 43).

O ano de 1908 na Alemanha oficializa sua adesão ao Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD) e estabelece forte vínculo de amizade com Rosa Luxemburgo e Clara Zetkin recebendo influência das suas teorias. Nessa trajetória, contribuiu com a organização de mulheres trabalhadoras em muitos países durante o exílio. No mesmo ano, durante o primeiro congresso de mulheres da Rússia (de caráter essencialmente burguês), será visível a primeira demarcação de um grupo de trabalhadoras em defesa de “*seu próprio programa e isso marcou uma clara linha entre as sufragistas burguesas e o movimento de libertação feminina da classe trabalhadora na Rússia*” (Martinez, 2018, p. 40).

### Concepção burguesa do feminismo contra concepção socialista: a luta de classes como pano de fundo

O texto “Os fundamentos da questão social feminina”, escrito em 1907, expoe e (re)afirma, em algumas páginas, as bases que formará a tradição feminista classista. Sob quais fundações essa tradição se firma? O que a destaca dos outros movimentos feministas em vigor? Esse texto foi redigido quando, pela primeira vez foi organizado o “congresso de mulheres de toda a Rússia”, que visava unir o movimento feminista a nível nacional. A iniciativa era baseada num único critério de aliança: “ser mulher”. Diante dessa perspectiva, que negava as experiências concretas de vida das

mulheres que, por viver em um sociedade de classes, não podiam se unir somente em torno de uma condição a priori similar por ser biológica, as representantes socialistas de Moscou deixaram a reunião, constrangidas com a ideia de apagar sua identidade de mulher trabalhadora em nome de um interesse abstrato. Kollontai, que participou, denunciou o movimento por conter mulheres de interesses de classe radicalmente opostos dentro dos debates da época sobre o feminismo e a questão da mulher. Destacando sobretudo, como a necessária transformação da Psicologia humana estava em relação dialética com a luta pela organização das relações econômicas e sociais. Na compreensão de que o pessoal é também político, fundamenta suas ideias pioneiras sobre a emancipação da mulher no próprio questionamento das bases que estruturam a sociedade de classes (BONNET, MOREIRA, PRATES, 2023).

A obra de Kollontai expressa destarte, dilemas das mulheres trabalhadoras de sua época e, portanto, tece uma crítica profunda ao individualismo, à competição e à solidão típicos do capitalismo em uma moral que torna o outro propriedade privada em suas relações e cria uma imensa desigualdade entre os sexos. A autora dedicou-se a denunciar o sistema capitalista e desnudou três fatores fundamentais que deformam a psicologia humana: o egocentrismo extremado, a ideia de direito de propriedade entre si e a desigualdade entre os sexos no aspecto psicológico e físico. E nestes termos, mobilizou e organizou movimentos de mulheres trabalhadoras em torno de muitas conquistas. Uma dentre as muitas significativas nos passos dados rumo à emancipação das mulheres trabalhadoras foi o avanço na participação das camaradas que explicitou nos textos sobre o dia da mulher. “O dia da mulher”, escrito em 1913 (KOLLONTAI, 1913), é um exemplo no qual a autora defende o dia da mulher como importante elo na cadeia da mulher no movimento operário. Pode assim ser considerado como um marco de denúncia do atraso e compreende a falta de direitos das mulheres como prejudiciais para a classe trabalhadora como um todo. Fundamenta toda a defesa que a autora faz sobre a importância da participação das trabalhadoras, de forma consciente, dentro dos partidos e sindicatos, e para a defesa de pautas específicas das mulheres.

Kollontai dá passos importantes na elaboração que separa a luta das mulheres trabalhadoras da luta das mulheres sufragistas burguesas, analisando como os objetivos são diferentes. Isso fica bastante claro quando as primeiras conquistas do movimento sufragista são alcançadas, do voto para as mulheres, mas apenas para as que possuíssem propriedades pela viuvez ou pelo casamento (ALVAREZ, 2010). Para a autora, o debate da questão de gênero na perspectiva da classe trabalhadora está intimamente ligado com a questão da maternidade, outro tema central em sua obra, e que separa necessariamente as pautas de reivindicações das mulheres burguesas às das trabalhadoras.

Em textos como “Mulher trabalhadora e mãe” (KOLLONTAI, 1916) e “Os primeiros passos para a proteção da maternidade” (KOLLONTAI, 1918), Kollontai centra a análise sobre a

maternidade a partir da classe e das condições impostas às mulheres trabalhadoras. Enquanto as mulheres burguesas contratam outras mulheres para os afazeres domésticos e de cuidados com seus filhos, em “Mulher trabalhadora e mãe”, ao apresentar um quadro vívido da situação da trabalhadora na Rússia pré-revolucionária, Kollontai denuncia a culpa e a responsabilização individual que cai sobre as trabalhadoras, tanto em relação à maternidade como em relação à elevada mortalidade infantil, decorrente das péssimas condições de vida da classe trabalhadora. É assim, a partir da questão da maternidade e tendo como central a classe, que Kollontai chama as trabalhadoras e os trabalhadores a se organizarem enquanto classe e lutarem por direitos e por leis de proteção à maternidade.

Em “Os primeiros passos para a proteção da maternidade”, texto de 1918, Kollontai aborda como a questão da maternidade esteve presente nas discussões levantadas pelas trabalhadoras ao longo do processo revolucionário, tendo culminado na criação de um Departamento de Proteção à Mãe e à Criança e à criação de uma série de leis e medidas visando a criação de maternidades e creches públicas (SCHNEIDER, 2017). Conforme destaca a autora, o governo soviético foi o primeiro governo no mundo a reconhecer, através de leis, a maternidade como uma das funções sociais das mulheres, estabelecendo assim a geração e a criação dos filhos como uma função social diante da sociedade. Foi a partir daí que o respaldo à maternidade, no cuidado pré e pós-natal, assumiu outro ponto de vista, inclusive entendendo o cuidado com a criação dos filhos como um dever de toda a sociedade.

O que nos leva a outra pauta negligenciada no movimento de mulheres burguesas e que será cara às comunistas, às reflexões que discutem as questões sobre a família, o amor e a sociedade. Ao analisar o modelo de família burguesa, Kollontai denuncia de forma contundente a monogamia colocada na perspectiva do amor como propriedade privada (KOLLONTAI 1911), baseado na ideia da posse completa sobre o outro e na conformação das várias opressões que daí surgirão. Nossa autora tece uma tese fundamentada pelo método do materialismo histórico sobre as formas de amor adequadas em relação dialética a cada modo de produção. Assim, o amor romântico como forma adequada à sociedade burguesa e à defesa da propriedade privada como base para manter o processo de acumulação do capital na classe proprietária dos meios de produção. A forma de amor e família enquanto propriedade configura-se enquanto superestrutura adequada para manter na estrutura uma sociedade dividida em classes. Neste sentido, a crítica à família burguesa e a construção de novas relações sexuais e formas de amor são apontados como fator psicossocial importante para uma nova sociedade.

### A revolução nas relações de gênero : passos para uma nova sociedade

As possibilidades de superação da família burguesa e da própria divisão de classes na



elaboração da autora passa pelo necessário desfrutar livremente das relações, rompendo com o amor como propriedade privada entre os casais e passando por outras formas de relações sexuais entre mulheres e homens, de um “amor-jogo” na concepção de Kollontai, como relações mais livres que não implicam necessariamente em um compromisso absorvente da subjetividade de uma pessoa com a outra; podendo alcançar uma forma de “amor-camaradagem”, com o desenvolvimento da igualdade e solidariedade por todas relações, reconhecendo as várias formas de amor (KOLLONTAI, 1911).

A nova mulher que Kollontai invoca, afirma sua individualidade no gozo da sua sexualidade e do amor. Em vez de colocar o centro de gravidade de sua vida no amor aos homens, põe foco no trabalho e nos seus projetos. Sua obra nos remete à atualidade da importância de pensarmos a questão sexual também como central para a luta de classes. Ao levantar a questão da família, a crise sexual e o amor, aprofunda a crítica ao sistema de consolidação da opressão das mulheres com a separação entre a vida privada e pública que persiste ainda na atualidade do século XXI. Assim, a crise sexual da humanidade surge maior que uma questão meramente econômica. De fato, Kollontai traz elementos subjetivos da psicologia das mulheres e dos homens que necessitam de uma verdadeira revolução nas relações afetivas. E via a mulher trabalhadora como nova força de transformação da sociedade.

A separação das mulheres e sua inferiorização no mundo da produção, da cultura e da política apresentam-se na base de sua subordinação aos homens nas relações de gênero mesmo com todos os avanços que conquistamos neste último século. Situação essa que não se resolveu com o ingresso das mulheres no trabalho assalariado como já observado por Kollontai há um século. A autora já observava a tendência de, em vez de independência econômica, aumento do grau de exploração com os menores salários e instabilidade na contratação das mulheres. Além disso evidenciava a dupla jornada das tarefas domésticas e de cuidados que continuavam, e continuam, caindo inteiramente sobre as mulheres, o que denotou da “escravidão familiar”. A questão perpassa a construção de uma sociedade socialista para Kollontai, na qual haveria necessariamente a socialização pelo Estado destes afazeres.

Para a apresentação dessas ideias, o texto “O comunismo e a família” (KOLLONTAI, 1920) traz reflexões importantes. Nele, a autora discursa a favor da aprovação da lei para o aborto. Considera um momento importante de “*escrever e discursar mais do que em qualquer momento anterior*” (Ibid., p.73), encontrando apoio nos camaradas Lenin e Trostky. No texto mostra que “*toda a existência da família proletária se modifica e se organiza de uma forma tão nova, tão fora do comum, tão estranha, como nunca podemos imaginar*”. Esse movimento se expressa ainda no divórcio autorizado dentro do processo de uma semana. Um período de grandes mudanças já após a revolução, portanto de grandes mudanças estruturais, inclusive na configuração da família. Como dizem as próprias palavras

de Kollontai:

*“Os trabalhos domésticos em forma individual começaram a desaparecer e dia a dia vão sendo substituídos pelo trabalho caseiro coletivo e chegará um dia, mais cedo ou mais tarde, ao ponto que a mulher trabalhadora não terá que ocupar-se de seu próprio lar.” (Ibid).*

Esse texto fala das mudanças ocorridas na configuração da família no capitalismo, destacando que entre as principais, a diminuição do número de tarefas, fruto da expansão da indústria. Tarefas como a de tecer os próprios tecidos, fazer as próprias velas e conservas de alimentos deixaram de ser parte das tarefas das mulheres que podiam alcançar esses serviços. Entretanto, outra mudança provocada pelo capitalismo foi a necessidade da mulher ter que trabalhar fora. Isso impactou diretamente a quantidade de trabalho das mulheres nas duplas jornadas e tornou a criação dos filhos uma tarefa negligenciada.

As mudanças ocorrem também na sociedade comunista, onde a autora aponta que o matrimônio, além de não ser uma união indissolúvel graças à aprovação do divórcio enquanto lei, também ocorrerá em pé de igualdade entre homens e mulheres, uma vez que o Estado comunista proveria toda uma sorte de serviços como lavanderias, restaurantes e creches. A autora cita o exemplo do que foi implantado na Rússia nesse período: *“Já existem casas para as crianças em fase de amamentação, creches, jardins de infância, colônias e lares para crianças, enfermarias e postos de saúde para os doentes ou que precisam de cuidado especial, restaurantes, refeitórios gratuitos para os estudantes nas escolas,...” (Ibid., p. 80).*

No entanto, em meados dos anos 1930, houve um grande retrocesso nas conquistas dos direitos das mulheres na URSS com o avanço da crise e do estalinismo. Vivenciando a grande crise do capital de 1929 os efeitos se sentem na crise econômica e política da URSS e grandes retrocessos se seguem, particularmente para as mulheres. Em 1930 a seção feminina do partido, intitulada “Zhenotdel”, foi dissolvida, a homossexualidade foi penalizada e a prostituição criminalizada. Em Junho de 1936 o aborto, que havia sido a grande conquista da revolução, retorna para a ilegalidade e promovem-se campanhas para promover a “responsabilidade familiar” da mulher (MARTINEZ, 2018, p. 12). Em 1937 passaram ao fuzilamento dos dirigentes, cuja maior parte havia participado da revolução russa, e que defenderam o fim da família e do Estado em 1920. Entre 1936 e 1939 700 mil pessoas foram fuziladas acusadas de oposição ao regime estalinista. Processo reconhecido como a “contrarrevolução interna”. Os textos de Alexandra Kollontai sobre o amor livre e a sexualidade, por sua vez, se tornaram cada vez mais difíceis de acesso.

## Considerações finais da vida e obra de Kollontai e sua contribuição para o feminismo anticapitalista

Com a perseguição imposta internamente na Rússia aos opositores em “adaptação” à burocracia Stalinista e externamente em um período da grande II guerra Mundial, Alexandra Kollontai, até sua morte em 1952, assumiu um trabalho diplomático em vários países europeus e continuou escrevendo em silêncio (FARNSWORTH, 2010). Destacou-se por ser uma das primeiras mulheres diplomatas da história, mas deixou de escrever publicamente. Seria esta uma contradição às suas ideias de emancipação das mulheres? Alguns caminham nesta direção. Porém, resta difícil conceber que a complexidade da época e suas contradições puderam retirar todas as contribuições de Kollontai para o processo revolucionário russo e das mulheres trabalhadoras, assim como de todas as mulheres que participaram ativamente das lutas e manifestações na época, como o texto da própria Kollontai:

*“É impossível listar todas elas, e quantas delas permanecem desconhecidas? As heroínas da Revolução de Outubro formavam todo um exército, e embora seus nomes estejam esquecidos, sua abnegação vive em cada vitória daquela revolução, em todos os ganhos e façanhas desfrutadas pelos trabalhadores da União Soviética”. (KOLLONTAI, 1927, p.5)*

Tratando de temas como a maternidade, a família, o amor e a construção de uma nova mulher e moral sexual, a intelectual nos mostra que essas questões não são secundárias na luta pela construção de uma nova sociedade e que o anticapitalismo passa também por uma crítica da família mononuclear, da separação entre mundo privado e mundo público e da divisão sexual e arbitrária do trabalho. Pelo contrário, para se construir uma sociedade revolucionária é preciso revolucionar também nos afetos, pois o modelo de amor e de família burgueses, individualistas e possessivos, não são compatíveis com uma sociedade emancipada. Conforme aponta Kollontai no texto chamado “As trabalhadoras”, “em uma sociedade comunista mulher e homem devem ter direitos iguais! Sem essa igualdade, não há comunismo”. E foi pela construção dessa sociedade superando as relações sociais capitalistas que Kollontai dedicou sua vida, e é por essa mesma razão que evidenciamos sua obra, como importante legado da elucidação das relações entre capital, trabalho e gênero que continua perpassando nossas sociedades atuais.

### Referências

ALVAREZ GONZALEZ, Ana Isabel. *As origens e a comemoração do dia internacional das mulheres*, São Paulo: Expressão popular, 2010.

BONNET, A., PRATES, M., MOREIRA, R. (org.). *Kollontai e a revolução: escritos sobre amor e luta*. São Paulo: Expressão Popular, 2023.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade e do Estado*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FARNSWORTH, Beatrice. Conversing with Stalin, surviving the terror: the diaries of Aleksandra Kollontai and the internal life of politics. *Slavic Review*, v. 69, n. 4, p. 944-970, 2010.

GOLDMAN, Wendy. *Mulher, Estado e revolução: política da família soviética e da vida social entre 1917 e 1936*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

GHODSEE, Kristen Rogheh. *Second World, Second Sex. Socialist Women's Activism and Global Solidarity during the Cold War*. Durham: Duke University Press, 2019.

KOLLONTAI, Alexandra. Os fundamentos sociais da questão feminina. 1907. Disponível em : <https://www.marxists.org/portugues/kollontai/1907/mes/fundamentos.htm>

KOLLONTAI, Alexandra. O amor e a nova moral. 1911. Disponível em BONNET, A., PRATES, M., MOREIRA, R. (org.). *Kollontai e a revolução: escritos sobre amor e luta*. São Paulo: Expressão Popular, 2023.

KOLLONTAI, Alexandra. *O dia da mulher*. 1913. Disponível em [https://www.marxists.org/portugues/kollontai/1913/mes/dia\\_mulher.htm](https://www.marxists.org/portugues/kollontai/1913/mes/dia_mulher.htm)

\_\_\_\_\_. *Os primeiros passos para a proteção da maternidade*. 1918. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/kollontai/1918/mes/90.htm>

\_\_\_\_\_. *O Comunismo e a família*. 1920. Disponível em: [https://www.marxists.org/portugues/kollontai/1920/mes/com\\_fam.htm](https://www.marxists.org/portugues/kollontai/1920/mes/com_fam.htm)

\_\_\_\_\_. *Autobiografia de uma mulher comunista sexualmente emancipada*. São Paulo: Editora Sundermann, 2007 (1926).

\_\_\_\_\_. *Mulheres Militantes nos Dias da Grande Revolução de Outubro*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/kollontai/ano/mes/militantes.htm>

MARTINEZ, Josefina L., Alexandra Kollontai”, *Revolucionarias*, Madrid: Lengua de Trapo, 2018.

MARX, Eleanor. *Obra completa*, São Paulo: Aetia Editorial, 2021.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *O Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998 (1848).

MARX, Karl. *O Capital, livro I*, São Paulo, Boitempo editorial, 2011.

RUTHCHILD, Rochelle Goldberg. *Equality & Revolution: Women's Rights in the Russian Empire, 1905-1917*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2010.

SCHNEIDER, Graziela. *A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética*. São Paulo: Boitempo, 2017.

THOMAS, Edith. *Les « Pétroleuses »*, Paris: Gallimard, (1963), 2019.